

**Pauline Kaldasⁱ**

Silênciosⁱⁱ

Tradução de Juciara Fernandes, Marise Myrrha, Priscila Campello (PUC Minas)ⁱⁱⁱ

Os silêncios de minha mãe enchiam nossa casa. Eles se infiltravam nas paredes e espreitavam nos cantos. Se tropeçássemos no tapete da entrada, eles estariam à espreita. Se abrissemos o armário da cozinha procurando por algum pacote de bolachas açucaradas escondido, eles começariam a emergir.

Às vezes, os silêncios ficavam apenas por um ou dois dias, mas outras vezes eles permaneciam por até duas semanas. Podíamos, então, senti-los estremecer por nosso corpo e imaginar que nos acompanhavam quando saíamos de casa. Enquanto esperava pelo ônibus da escola, sentia um toque em meu ombro, mas, ao me virar, não havia ninguém. Minha irmã mais jovem jurou que eles estavam na sua carteira na escola e, por medo de abri-la, carregava todos os seus livros em sua mochila, permanentemente encurvada pelo peso.

Os silêncios surgiam de nada que pudéssemos ver. Minha mãe acordava em uma determinada manhã e por dois ou três dias, ou até mais, não dizia nada. Era como se ela tivesse partido, pegado um ônibus ou um trem para algum lugar que não podíamos alcançar e decidido ficar lá sem nós. Ela fazia todas as suas tarefas habituais, mas sem palavras. No princípio, meu irmão, minha irmã e eu pensávamos que ela estava aborrecida conosco, e que seu silêncio era uma punição por algo que havíamos dito ou feito. Ela parecia zangada, seus olhos se estreitavam nos cantos, e seus lábios se apertavam como gesso em um molde.

Quando questionávamos meu pai, ele abria seu sorriso fácil, nos dizia que tudo ia dar certo, e nos dava tapinhas nas costas como se estivéssemos tossindo.

Lembro-me de minha mãe pela manhã, em pé na cozinha preparando nossa merenda. Quando eu acordava, ela já estava vestida, seu cabelo negro penteado, sempre puxado para trás em um coque bem feito. Ela usava apenas vestidos ou saias, e sempre em cores sólidas. Ela media pouco mais de um metro e meio, mas parecia alta, suas costas sempre eretas, cada músculo esticado ao máximo. Seu rosto era moreno e liso. Mesmo ao envelhecer, ele permaneceu assim, nenhuma ruga marcando sua face. Ela sorria às vezes, mas nunca abria a boca, e seus sorrisos nunca se tornavam risadas.

Quando saíamos para a escola, minha mãe nos mandava algumas vezes levar nossas capas de chuva.

“Mas mãe”, eu reclamava, “o sol saiu. Não vai chover.”

“Leve sua capa de chuva,” ela insistia com firmeza.

Ao chegarmos na escola, meu irmão, minha irmã e eu éramos os únicos carregando capas de chuva, nos tornando vítimas dos olhares e zombarias de nossos colegas. Mas, sem dúvida alguma, à tarde, o céu escurecia e a chuva caía torrencialmente. Todos os outros se encharcavam e nos encaravam, enquanto tentávamos parecer mais invisíveis sob nossas capas. Outras manhãs, as nuvens estavam pesadas e o tempo úmido, mas minha mãe dizia: “Deixe a sombrinha em casa, você não vai precisar dela.” Tentávamos argumentar, mas sua voz nos ordenava. E a cada vez, o sol acabava surgindo por entre as nuvens. Após um tempo, desistimos de argumentar, aceitando que nossa mãe tinha algum tipo de premonição sobre os fenômenos da natureza, que nunca compreenderíamos.

Minha mãe ficava em casa, cozinhando, limpando, cuidando de nós. Éramos três, meu irmão mais velho, minha irmã mais jovem e eu no meio, além de meu pai. Nossas camas estavam arrumadas quando voltávamos da escola, nossa roupa lavada e guardada. Toda noite o jantar estava na mesa. A comida de minha mãe era saudável e insípida, que sustentava nosso corpo sem excitar nosso paladar. Uma vez, meu irmão trouxe grão de bico para casa, que a mãe de um de seus amigos havia feito. Era temperado com alho e pimenta vermelha, que descia queimando nossas gargantas. Nós o devoramos enquanto minha mãe saía da cozinha, nos advertindo sobre problemas estomacais. Nos próximos três dias, seu silêncio reinou sobre nós.

Sabíamos quase nada sobre minha mãe. Meu irmão mais velho demonstrava pouco interesse, enquanto minha irmã mais jovem dizia que não queria saber, talvez temendo que a informação pudesse trazer um peso ainda maior sobre ela. Uma vez, perguntei a minha mãe se ela já tinha tido algum emprego. Ela levantou seus olhos e olhou para mim como se eu tivesse três anos de idade e houvesse perguntado de onde vinham os bebês e disse simplesmente que sua família e sua casa eram seu trabalho. Comecei a abrir a boca para perguntar novamente, mas seus olhos já estavam concentrados na costura em sua mão. Ao encontrar meu pai sozinho alguns dias depois, perguntei a ele, mas tudo o que ele pode me dizer foi que ela trabalhava como secretária quando a conhecera. “Que tipo de secretária? Ela gostava do trabalho? Ela tinha alguma pretensão de ter uma carreira?” , perguntei. Eu estava no último ano do ensino fundamental e começava a pensar em que tipo de trabalho gostaria de ter um dia. Mas meu pai não sabia dizer mais nada. Ele não tinha nenhuma resposta, apenas que tão logo meu irmão nascera, poucos anos depois que haviam se casado, ela deixara seu trabalho e havia ficado em casa.

Meu pai era um homem fácil de lidar, um encanador que acreditava que só deveríamos consertar as coisas se elas estivessem quebradas. Nossos banheiros e nossas pias sempre funcionavam sem problemas, mas se nos queixávamos que não havia água quente suficiente para todos os banhos, ele simplesmente dizia, “Vocês podem esperar até a água esquentar ou tomar um banho frio”. Ele media um metro e setenta e quatro, embora frequentemente parecesse mais baixo que minha mãe. Quando meu irmão e eu tínhamos quinze anos, já éramos mais altos que eles; aparentemente apenas minha irmã havia herdado seus genes, acabando por ficar poucos centímetros mais alta que minha mãe. A característica mais marcante de meu pai era sua calvície. Não me recordo de meu pai com cabelo. Ele tinha a barriga um pouco saliente. Tendo crescido em uma família onde mal havia comida para todos, ele comia a comida insossa de minha mãe com prazer.

O pouco que sabíamos sobre minha mãe era através de meu pai. Ele a conheceu quando ela tinha vinte e oito anos, cinco anos depois de ela ter chegado sozinha do Egito, em 1968. O que ela fez durante esses cinco anos? Eu perguntei, mas ele não tinha ideia. Ela nunca fora generosa com os detalhes, e meu pai era um homem que aceitava aquilo que as pessoas estavam dispostas a oferecer. Ao longo dos anos de seu casamento, ele havia colecionado fragmentos de seu passado como pedacinhos de papel onde anotamos um recado ou um número de telefone e depois o perdemos. Quando o encontramos anos

depois, somos incapazes de nos lembrarmos da relevância da informação. O irmão dela havia lutado na guerra de 1967 e nunca voltou. Sua família havia esperado e esperado após os seis dias de luta acabarem. Ele nunca retornou, seu corpo nunca foi encontrado e não havia restado nada. A mãe dela havia sentado e esperado, seus olhos fixos em algo que só ela podia ver, a figura de seu filho desaparecendo após ter se despedido dele com um beijo.

“Eles nunca o encontraram?” “A mãe dela ainda está viva?” “Ela tem outros irmãos ou irmãs?” Eu perguntava, sem fôlego depois de ouvir a história. Mas meu pai não sabia de mais nada. Assim que meu irmão nasceu, ele disse, ela parou de falar sobre seu passado e os silêncios começaram.

Meu irmão e minha irmã pareciam se contentar com o pouco que meu pai conseguia lhes contar. Mas minha curiosidade persistia. Era irônico, uma vez que meu irmão era o que mais se parecia com minha mãe, tendo herdado dela seus cabelos negros e características distintas. Ainda assim, ele era como nosso pai, disposto a aceitar a vida como ela se apresentava, nunca indo além da superfície. Minha irmã mais jovem parecia ter buscado no passado sua composição genética, tendo saído com os cabelos ruivos e os olhos que pareciam verdes dependendo da luz. Meu pai dizia que ele tinha uma avó com essas mesmas características. Eu era quem mais parecia com meu pai, com cabelos castanhos e a pele clara, embora meus olhos fossem de um castanho escuro enquanto os dele eram azuis.

De vez em quando, eu me aventurava a fazer alguma pergunta, com a esperança de que minha mãe revelasse algo que me ajudasse a compreendê-la.

“Mãe, como é o Egito?”

“É apenas um país como outro qualquer.”

“Como era a casa onde você morava?”

“Simplesmente um apartamento.”

“Você tinha irmãos e irmãs?” “ Eu tenho algum primo?”

“Todos já partiram agora.”

“Podemos ir ao Egito algum dia?”

“Vá fazer seu dever de casa.”

Era inútil. As respostas de minha mãe nos enterravam no presente.

O sonho começou quando eu tinha mais ou menos dezesseis anos. Eu estou correndo com alguns amigos em um campo bem grande, uns atrás dos outros. Então quatro deles pegam um grande toldo branco no chão, como um paraquedas, e começam a erguê-lo

para que voe como um balão. De alguma forma, eu acabo por estar no centro, bem abaixo dele. Eles o levantam cada vez mais alto acima de mim e então ele começa a cair, mas assim que ele vai me atingir eles o erguem novamente. Meu coração começa a bater cada vez mais rápido com medo que ele caia sobre mim e me sufoque. Cada vez, eu acordo quando ele está prestes a me atingir.

Meu irmão foi para a faculdade quando eu tinha dezesseis anos. A cada ano ele vinha para casa com menos frequência, até que parou de vir até para as férias de verão. Quando ele aparecia, eu lhe contava como nossa mãe estava cada vez mais silenciosa, como até mesmo quando eu a perguntei aonde ela havia conseguido a pequena estatueta de pato que estava sobre a sua penteadeira ela disse não se lembrar. Mas a faculdade aparentemente havia apagado o resto de sua curiosidade. E ele dizia, " Não tem importância. Apenas viva a sua vida." Mas eu não conseguia. À medida que eu ficava mais velha, eu a questionava mais, insistia, tentando conseguir alguma informação.

"Mãe, você é muçulmana ou cristã?"

"Essas coisas não importam."

"Mas sua família era muçulmana ou cristã?"

"As pessoas boas são boas independentemente de sua crença."

Era inútil. Seus lábios se retraíam em uma fina linha cerrada.

Fui para uma faculdade a duas horas de distância mais ou menos. Ao contrário de meu irmão, não conseguia me distanciar tanto. Eu voltava para casa nos feriados e no verão. Parei de fazer perguntas a minha mãe, mas permaneci próxima a ela, a ajudava em suas tarefas, a cozinhar, aproveitando de sua proximidade. Ela ouvia minhas histórias da faculdade com poucos comentários, e sempre que eu anunciava que ia fazer um novo curso, fosse História ou Dança, ela simplesmente dizia. "Ótimo. Continue estudando."

Quando voltei para o Natal no meu terceiro ano, tendo finalmente decidido me formar em Biologia, minha mãe não parecia bem. Seus olhos escuros ainda estavam mais fundos e seus cabelos pareciam ralos e desbotados. Parecia ainda mais difícil para ela erguer os lábios para o sorriso obrigatório que ela sempre nos dava. Minha irmã não estava em casa esse ano, tinha ido para um programa de intercâmbio em Londres. Quando meu irmão apareceu, perguntei a ele o que pensava, mas ele insistiu que não vira nenhuma diferença em sua aparência. Insisti com meu pai até que ele finalmente admitiu que ela parecia um

pouco cansada, mas ele estava certo de que era porque nós todos havíamos saído de casa e havia menos tarefas para ela fazer.

Ao voltar para casa naquele verão fiquei chocada com sua aparência. Ela parecia um pálido reflexo de si mesma, seus ossos salientes em suas roupas dependuradas em seu corpo magro.

“Decidi fazer uma dieta”, ela disse em resposta ao meu olhar.

Fechei os olhos para conter as lágrimas. “Você parece ótima”, eu disse, forçando as palavras.

No dia seguinte, convenci meu pai a marcar uma consulta para ela. Minha mãe havia sempre mantido nossas consultas em dia, mas eu não me lembrava de vê-la indo ao médico. Nós a enganamos dizendo que eu precisava comprar algumas coisas para a escola. Ao perceber que estávamos em um consultório, ela me olhou como um animal que havia sido atraído a uma armadilha.

Era câncer, em um estágio muito avançado, o médico disse. Poderíamos fazer uma quimioterapia; isso poderia ajudar, ele sugeriu. Eu pensei que ela fosse resistir, mas ela retornou ao seu silêncio e deixou meu pai e eu tomarmos as decisões. Após cada sessão de quimioterapia, ela parecia abatida, como alguém que tivesse escalado uma montanha íngreme demais para suas forças. Após algumas sessões ela precisou ser hospitalizada, pois estava debilitada demais.

Sentei-me com ela no quarto do hospital. Ela estava deitada de costas, o soro em seu braço direito. Ela havia emagrecido tanto, que eu mal distinguia sua silhueta debaixo da coberta. Deslizei minha mão em direção à sua e ela se virou para me olhar, a sombra de um sorriso em seus lábios.

“Mãe, você vai ficar ótima. O médico disse que você pode voltar para casa em um ou dois dias.”

“Você sempre foi uma boa filha, a que ficou próxima.”

“Estou aqui, Mãe.”

“Quero que você seja feliz.”

“Mãe?” Eu queria fazer um milhão de perguntas a ela naquele momento, repetir o que havia perguntado durante anos, mas ela parecia tão cansada, o esforço de suas palavras marcadas na quietude de sua voz.

Parti quando ela adormeceu, depois que o horário de visitas havia acabado.

Quando finalmente fechei meus olhos naquela noite, o sonho retornou, e cada vez o toldo caía mais baixo antes que as crianças o erguessem no ar. Ele caiu novamente e tocou o topo da minha cabeça, seu peso muito maior do que eu imaginava. Ele me fez cair de joelhos e eu o senti empurrando o meu corpo para o chão. Acordei com um grito, o suor encharcando meu rosto e meu corpo tremendo. Sentei-me, com a respiração ofegante, desorientada, até que meu pai chegou. Ele ficou ao meu lado até que minha respiração se acalmou.

Quando o telefone tocou, ele foi atendê-lo e eu ouvi sua voz.

“Sim, sim.”

“Compreendo.”

“Por volta das três horas.”

“Tranquilamente.”

“Sim, sem dor.”

“Sim, obrigado.”

Olhei o relógio. Eram quatro horas da manhã. Meu pai e eu nos sentamos um ao lado do outro. Não dissemos nada, enquanto lentamente a claridade foi iluminando o quarto.

Meu irmão e minha irmã vieram para casa, e fizemos os preparativos para o funeral. Esperei por um telefonema do Egito, uma carta, um telegrama, que algum desconhecido parecido com minha mãe aparecesse. Quando nada aconteceu, passei a procurar nas coisas de minha mãe, passava horas revirando livros, revistas, papéis. Mas tudo que encontrei foram receitas arrumadas em arquivos, números de telefones locais anotados em agendas, nada que revelasse seu passado ou o meu. O funeral foi pequeno, apenas nós e pessoas que conheciam minha mãe da vizinhança e da escola que frequentáramos.

Meu irmão e minha irmã partiram após alguns dias, meu pai os assegurando que estaria bem. E eu sabia que ele estaria. Ele aceitou a morte de minha mãe da mesma forma que havia aceitado sua presença, sem perguntas. Tudo o que me restou foram os pedaços de histórias que ela havia contado a meu pai nos primeiros anos de seu casamento e a memória de seus silêncios.

ⁱ **Pauline Kaldas** nasceu no Egito e imigrou para os Estados Unidos em 1969, aos oito anos de idade. Atualmente é professora associada de Inglês e Escrita Criativa na Hollins University, no estado da Virgínia. É autora de "The Time between Places", uma coletânea de contos (2010), "Letters from Cairo", memórias de viagem (2007), "Egyptian Compass", um livro de poesia (2006), e co-editora de "Dinarzad's Children: An Anthology of Contemporary Arab American Fiction", uma antologia de prosa árabe-estadunidense (2009).

ⁱⁱ O texto aqui apresentado faz parte da coletânea de contos intitulada "The Time between places: stories that weave in and out of Egypt and America", da autora árabe-estadunidense Pauline Kaldas, publicada em 2010.

ⁱⁱⁱ **Juciara Fernandes** é aluna do curso de graduação em Letras da PUC Minas. **Marise Myrrha** e **Priscila Campello** são professoras de literatura em língua inglesa do curso de Letras da PUC Minas. As três tradutoras participam do grupo de tradução coordenado pela profa. Priscila Campello, cujo foco é a tradução de textos de imigrantes nos Estados Unidos.